

HILDA HILST PEDE CONTATO TERÁ PRÉMIERE MUNDIAL ABRINDO A SESSÃO DE CINEMA DA FLIP E ESTREIA 2 DE AGOSTO

Trailer: <https://youtu.be/QTHs1QL-eTs>

Cartazes oficiais: <http://bit.ly/2N38Slp>

Fotos e frames do filme: <http://bit.ly/2L3MlaA>

fotos PB making of: Maurizio Manciola

Foto Gabriela PB com tiara: Artur Lescher

Foto Gabriela com chapéu Maurizio Manciola

Dirigido por Gabriela Greeb, *Hilda Hilst Pedo Contato* apresenta uma imersão na vida e obra de um dos nomes mais importantes da literatura brasileira a partir de gravações inéditas deixadas pela própria escritora, que entre 1974-79 tentou comprovar a imortalidade da alma registrando vozes de pessoas mortas.

Filmado na Casa do Sol, chácara onde morou em Campinas, e com a participação de amigos íntimos da escritora, o documentário também inclui intervenções poéticas e realidades paralelas.

O fio condutor da narrativa é um jantar póstumo na Casa do Sol, com seus amigos, conhecidos e amantes. Durante este encontro diferentes realidades ocupam o mesmo espaço-tempo, de forma a justapor vivos e mortos, material e imaterial, passado e presente. A personagem da escritora, interpretada por Luciana Domschke, é construída a partir de registros sonoros, da época em que ela tentava por meio de experimentos eletromagnéticos, contato com amigos e escritores já falecidos. Toda a narrativa é construída a partir da voz da própria Hilda Hilst, em primeira pessoa, e dublada pela atriz.

O filme conta com material de arquivo inédito: Cinquenta rolos de super 8, 100 horas destas gravações, realizadas entre 1974-79, em que seguia as regras dos experimentos realizados pelo cientista sueco Friedrich Jurgenson, considerado por muitos o pai da EVP, Eletronic Voice Phenomenon.

A première mundial do filme acontecerá durante a Flip 2018, abrindo as sessões de cinema do maior evento de literatura do país, onde Hilda Hilst será a homenageada do ano, e *a estreia em circuito comercial acontece em 2 de agosto*.

Hilda Hilst Pedo Contato é uma produção da HOMEMADEFILMS com patrocínio da Petrobras, realização do Proac e distribuição da Imovision.

Sinopse: Com arquivos pessoais inéditos de som e imagem, depoimentos, encontros e intervenções ficcionais, Hilda Hilst Pedo Contato revela a memória e a presença da escritora, poeta e dramaturga na Casa do Sol, chácara onde vivia em Campinas.

A voz de Hilda Hilst em gravações realizadas entre 1974 e 1979, em busca de contato com o além, é o fio condutor do filme, que se oferece ao público como o canal de comunicação tão almejado pela escritora, considerada pela crítica especializada uma das mais importantes vozes da língua portuguesa do século XX, morta em 2004.

Ficha Técnica:**Direção e roteiro:** Gabriela Greeb**Produção:** HOMEMADEFILMS**Produção executiva;** Jasmin Pinho, André Canto**Fotografia:** Rui Poças**Edição:** Karen Harley**Música:** Nicolas Becker**Desenho sonoro:** Vasco Pimentel e Nicolas Becker**Direção de arte:** Renata Siqueira Bueno**Gênero:** Biografia / Documentário**Elenco:** Luciana Domschke no papel de Hilda Hilst

E os amigos de Hilda: Alcir Pécora, Dante Casarini, Eliane Robert Moraes, Fernando Lemos, Gutemberg Medeiros, Jorge da Cunha Lima, Jurandy Valença, Leandro Carlos Esteves, Leusa Araujo, Maria Lucia Cacciola, Maria Luiza Mendes Furia, Olga Bilenky e outros.

Brasil | 2018 | Colorido | 73 minutos | Classificação indicativa a ser definida

Entrevista com Gabriela Greeb**De onde veio a ideia de fazer este filme?**

Eu não conhecia a obra de Hilda Hilst, a ideia foi do herdeiro de Hilda, José Luís Mora Fuentes, que viu meu filme "A Mochila do Mascate" [documentário poético sobre a vida do cenógrafo e diretor teatral Gianni Ratto] e pediu um filme sobre a Hilda. Eu não sou exatamente uma documentarista, quando fiz o filme sobre o Ratto ele estava vivo, então pensei: Como eu ia falar dela? Ela estava morta. Fui até a Casa do Sol para encontrar Mora Fuentes, e saber, por ele, quem era Hilda. Ele me mostrou a casa. No quarto dela vi uma caixa de papelão com as fitas cassete, todas emboladas. Eu senti que o filme estava lá dentro. Ouvi as fitas, sua voz. Descobri ali uma maneira dela falar por si mesma, na primeira pessoa. Pensei em inverter a situação original das fitas: ela era o morto que queria se comunicar com os vivos, e provar sua eternidade.

Um documentário biográfico, mais do que falar sobre uma pessoa, é trazê-la para a tela, para o presente. O filme não deve estar entre o personagem e o público, mas ser um canal entre eles. Eu me perguntava como fazer um filme sobre uma escritora genial e morta. Eu ouvi as fitas e ouvi a voz dela. O que mais você quer além da voz do poeta? Mais nada. Imagem bonita eu sei fazer, isso não é um problema, mas trazer uma verdade, isso sim é um problema. Por isso que quando me perguntam se é documentário ou é ficção, eu digo que é trans. Como a obra dela. Transgênero.

Isso é muito bacana porque traz a voz dela como objeto.

Jorge da Cunha Lima fala que Hilda esculpe a palavra quando ela fala: "o tom de voz dela não é tom de voz, é de cinzel, ela está esculpindo. Quando ela fala "vento", ela faz do vento um objeto". E a voz dela é muito especial, parece uma atriz dos anos 50, uma voz empostada. Todo este material é inédito, todas coisas que ela fala são inéditas. Ela busca contato também com outros escritores, Camus, Clarice Lispector, Cacilda Becker, Kafka. Tem uma hora que ela fala 'Cacilda Becker, você ainda não se lembra de mim?'. Ela traz um lado pessoal, íntimo, irônico

Além do filme, você vai lançar um livro, que completa a obra cinematográfica. Do que se trata? Quando será lançado?

Pela Sesi Editora. Vou fazer um livro porque editar um filme é a arte da crueldade, muita coisa fica de fora. Este livro é uma partitura do filme, de tudo o que existe como palavra no

filme. E a transcrição das entrevistas completas, a transcrição de todas as fitas, toda a pesquisa, o processo de fazer o filme, o storyboard. Eu fiz um trabalho de pesquisa monumental, só as fitas têm 100 horas de gravação. Restaurei, limpei tudo, digitalizei, transcrevi, escaneiei. É um trabalho de pesquisa muito bonito, o livro vêm para dar conta de todo esse documento que a gente produziu durante o processo do filme. Vai ser um objeto bem bonito, fica pronto para a Flip. Tem muita imagem, inclusive de making of.

De quando são as fitas? HH começou tarde a tentar se comunicar com os mortos?

As fitas foram gravadas entre 1974 e 1979. Foi uma época em que ela estava solitária. É uma solidão forte e ela ficou obsessiva por isso [contato com mortos], chamava físicos, amigos para ouvir. E ela teve muitas intervenções [respostas], não é viagem, você ouve as vozes nas fitas. Claro que tem mil explicações, saiu até no Fantástico. Na época algumas pessoas achavam que ela estava delirando. Esse foi um período de enclausuramento - a própria Casa do Sol tem uma coisa de enclausuramento muito forte, uma arquitetura monacal. Hilda estava esquecida, afastada. E se sentia muito mal por não ser lida, apesar dos prêmios e de ter sua obra reconhecida. Considero esta busca de contato com o além uma metáfora para a busca de leitores.

Qual era a ideia de “além” de Hilda?

Há vários textos dela que mostram essa vontade de ir além: Um deles, O Oco, diz "Há sempre um marco indicando até onde se pode ir, uma estaca, uma cerca. E nós vemos o marco, mas não adianta, é só depois do marco da estaca da cerca que dá vontade de continuar." Hilda questiona a finitude da vida. E a resposta da eternidade é a obra, sua voz.

O além para ela tem vários significados. É a tentativa de contato, de encontro. Fernando Lemos, fotógrafo, fala no filme que a poesia sempre busca trazer para a realidade o invisível. Como a Hilda tentava contatar o invisível, essa era uma tentativa poética. E a busca do poeta é uma busca pelo invisível. O que é a poesia senão o inapreensível, captado pelo poeta?

Acho que ela se lançou nessa busca pela falta de leitores na época. Ela queria uma resposta, era uma mulher do diálogo. Estava triste porque não tinha leitores, que é a última fase do trabalho do escritor, o trabalho se realiza na leitura da obra. Em “Qadós”, ela diz “escrever 10 mil páginas para nunca ser lida”. Por isso, acredito, ela se lançou nesta busca por diálogo. E Hilda era uma escritora que queria ser lida, mas que queria ouvir o outro também, ela queria sentir o efeito de sua obra no outro. Na medida em que você lê um poema, ele abre um caminho dentro de você, e este caminho é a continuação da vida do poeta.

Além disso, as fitas são uma busca por ir além da vida e entender a morte, que também é a grande pergunta da obra dela, o que é a morte? Isso é visível por exemplo em “Da morte. Odes mínimas”, um poema que está na base do filme, é uma conversa e uma sedução dela com a Morte. Tudo isso tem a ver com essa experiência dela [com as buscas]. Também é interessante o fato de serem vozes que ela procura. Ela não quer uma imagem, um fantasma. Ela quer uma voz; e isso acaba se tornando uma metáfora: ela queria ter uma voz que fosse ouvida tanto quanto queria ouvir vozes. Hilda queria contato.

Para as vozes poderem ser ouvidas, é necessário ter um “ruído branco” (é uma espécie de suporte material para o imaterial). Tem uma conversa dela com Lygia Fagundes Telles em uma das fitas em que ela fala “eles estão usando nossas vozes [como instrumento]”. Com sua obra ela queria passar tudo o que sabia para o leitor, queria abrir um caminho já percorrido por ela dentro do outro, e finalmente se imortalizar no coração do leitor. É uma

busca pela imortalidade. Enquanto ela é lida, ela é imortal. Tem um poema que fala disso: "palavras, eu as fiz nascer dentro de sua garganta".

O processo de tentar encontrar o além era também um processo de escuta - além da hora que ela gravava, ela escutava mil vezes a mesma coisa. Hilda se isolou e busca do silêncio, necessário para escrever, para "ouvir" suas próprias palavras. Este é também um filme sobre a "escuta". Um de seus primeiros poemas, que escreveu antes de isolar-se, intitula-se Roteiro do Silêncio. Ela sabia que tinha que escrever sua Obra, e isolou-se em busca deste silêncio absoluto, onde repousam as palavras à espera do poeta.

LOUCA

Muita gente achou que ela estivesse louca. O próprio Mora Fuentes pediu que eu não tocasse nesse assunto. Mas ela levava isso com muita seriedade, achava que a alma é pouco estudada, dizia que não há uma "ciência da alma", não sabemos de que matéria ela é constituída. Não é uma questão de ela ser louca, é outro registro. Hilda, citando Bataille, dizia que a pornografia que ela escreveu era um Potlatch dela (antigo ritual praticado pelos índios da costa noroeste americana no qual se queima numa grande fogueira seus bens mais preciosos). Talvez, esse fosse outro potlasch. [no sentido de que ela não ligava para a opinião pública].

O que as gravações revelam sobre Hilda? Sua escrita foi impactada por este hábito? Pode dar algum exemplo?

Ela já tinha sua obra realizada nessa época, a pergunta seria o que a obra dela influenciou na busca. Na época ela estava escrevendo "Matamoros", parte de um livro que chama "tu não te moves de ti" com três contos (Tadeu, Matamoros, Axelrod). Claro, é muito perigoso dizer que uma coisa influenciou a outra, mas no "Matamoros" tem um personagem que chama Meu, que vem do além, que a personagem principal se apaixona, e pode ser um personagem que vem de outro conto como quem morre e renasce. A obra inteira dela tem essa coisa da morte, da busca por sentido, é tudo um grande rizoma, cada um de seus livros contém a obra inteira de Hilda. Os personagens de um conto ressurgem em outro, envelhecidos, transformados.

Anedota

Na Casa do Sol tinha um relógio em que estava escrito "é mais tarde do que supões". Eu sempre achei que o relógio estava falando sobre o atraso enorme do filme. Eu ganhei 1 edital e perdi 30. Foi muito demorado. Mas o filme ficou pronto justamente no ano da Flip. O filme estava adiantado, na verdade, no tempo - assim como a escrita de Hilda. Comecei cedo demais. Mas foi o tempo do filme, tive que crescer para realizá-lo. "Estilhaça tua própria medida", ela diz.

No filme, você faz as entrevistas no carro, por quê?

A "historinha do filme" é como se ela, depois de morta, voltasse para a Casa do Sol. A casa abandonada no tempo se revitaliza. Ela está num limbo, apesar de morta segue por aqui até que seja lida. Então, de volta à casa, ela manda um motorista numa espécie de Mercedes que ela tinha na época, buscar os amigos para um encontro póstumo. O carro é a barca de Caronte. Todos se dirigem pra Casa do Sol (que é longe da cidade) e as entrevistas acontecem no carro. Depois tem a conversa que acontece no almoço. Os convidados são pessoas que conviveram com ela, muitos não tinham voltado à Casa por muito tempo. Estavam todos muito emocionados. Ela está na casa ao mesmo tempo que eles, mas não se encontram. Estão em diferentes camadas do tempo. No filme convivem vivos, mortos e personagens de sua obra, que não são vivos nem mortos. A própria Morte está lá como um

personagem. Hilda tenta ouvir as conversas, tenta fazer contato com as pessoas - e esse contato acontece quando eles começam a ler seus textos. Ela se ouve, se dá conta que é lida. Então finalmente Hilda se sente livre para morrer, já que encontrou a imortalidade em sua obra, no leitor.

SOBRE A DIRETORA

Gabriela Greeb é autora de curtas de ficção, documentários autorais e vídeo instalações. Nasceu em 1966, na cidade de São Paulo, onde estudou Filosofia Letras e Ciências Humanas, na PUC e na USP.

Em 1989 deixou o Brasil para estudar línguas na Europa, ficou por doze anos entre Barcelona, Londres e Paris, onde entrou em contato com o universo cinematográfico. Trabalhou em vários curtas-metragens como assistente de direção, continuísta, editora, roteirista, assistente de câmera, som e outros. Fez um estágio profissional de seis meses nos Laboratórios Éclair, nos diversos departamentos de tratamento do negativo, positivo, som e vídeo. Obteve o “Cambridge First Certificate” e o “Certificat de Langue et Litterature Française de la Sorbonne”. Aprofundou os estudos de filosofia em cursos livres da Faculdade Paris VIII, onde Giles Deleuze lecionava na época.

Em 1996 realizou seu primeiro curta-metragem, “Le Baiser” (O Beijo), exibido em mais de mil salas de cinema na França, como complemento de programa de longa-metragem. Realizou mais dois curtas-metragens de ficção com os quais ganhou importantes prêmios internacionais. Dirigiu filmes publicitários em Paris, Londres e São Paulo.

Em 2003 fundou a Homemadefilms, um estúdio independente baseado em São Paulo, no intuito de produzir documentários autorais e instalações audiovisuais. Em 2004 escreveu, dirigiu e coproduziu o longa-metragem documentário “A Mochila do Mascate”, sobre a vida e a obra de Gianni Ratto. O filme foi um dos dez finalistas do prêmio do público na 29ª Mostra de Cinema de São Paulo, participou de vários festivais e mostra e foi exibido em salas de cinema em todo o Brasil.

“Hilda Hilst pede Contato”, longa-metragem documentário sobre a poeta e escritora Hilda Hilst, é o seu último trabalho, com estreia prevista para o segundo semestre de 2018.

SOBRE A DISTRIBUIDORA

Distribuidora presente no Brasil há mais de 25 anos, a Imovision vem se consolidando como uma das maiores incentivadoras do melhor cinema, tendo lançado mais de 400 filmes no Brasil.

A distribuidora tem em seu catálogo realizações de consagrados diretores internacionais e nacionais, e filmes premiados nos mais prestigiados festivais de cinema do mundo, como Cannes, Veneza, Toronto e Berlim. Mantendo seu foco em títulos de qualidade, a Imovision foi a responsável por introduzir no Brasil cinematografias raras e movimentos internacionais expressivos, como o Movimento Dogma 95 e o cinema iraniano.

ASSESSORIA DE IMPRENSA IMOVISION

Elias Oliveira

11 3294 0718 | 3294 0720 – ramal 24

elias@imovision.com.br